



artesanato
da **BAHIA**

CADERNOS TEMÁTICOS DO ARTESANATO BAIANO | MESTRAS E MESTRES |

VOLUME 1
2024

FICHA TÉCNICA | GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA - SETRE

Jerônimo Rodrigues - Governador

Augusto Vasconcelos - Secretário

Juremar de Oliveira - Chefe de Gabinete

Weslen Moreira - Coordenador Executivo de Fomento ao Artesanato

Alice Barreto - Coordenação da Comissão de Monitoramento e Avaliação

FICHA TÉCNICA | FÁBRICA CULTURAL

Joel Miguez - Presidente

Jaqueline Azevedo - Diretora Executiva

Matheus Albergaria- Diretor do Contrato de Gestão Artesanato da Bahia

Denise Silva - Gerente de Contratos Artesanato da Bahia

Kleber de Azevedo - Gerente de Fomento Artesanato da Bahia

Natali dos Santos - Coordenadora de Qualificação Artesanato da Bahia

Larissa Khouri - Coordenadora de Comunicação Artesanato da Bahia

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO

Rodrigo Maurício Freire Soares

DIAGRAMAÇÃO

Maira Vilas Boas

FOTOGRAFIAS

As fotografias que integram este documento foram cedidas pelos próprios artesãos (com assinatura de Termo de Cessão Individual das imagens);

Emanuelle Sena; Ricardo Prado; Victor Fernandez; Diogo Andrade.



SUMÁRIO

- 4** **O QUE SÃO OS CADERNOS TEMÁTICOS DO ARTESANATO BAIANO?**
- 5** **MARCUS COUTO**
Bordando o tempo: Ancestralidade e Tradição
- 7** **MANOEL MESSIAS CORREIA SANTOS**
A Consistência da Cultura
- 9** **REGINALDO XAVIER DA SILVA**
Contemplar o belo, dominar a técnica
- 11** **BARBARA NUNES DE SANTANA**
Afetos e territorialidade
- 13** **CÉLIA REGINA AMORIM DA SILVA**
Tramas da vida: SP, BA e o artesanato
- 15** **LUZIA TORRES DE MATOS**
Bonecas como expressão da memória
- 17** **JOSÉ DOS SANTOS BRAGA**
O licuri entrelaçado de Zé de Rita
- 19** **MARIA DO CARMO AMORIM**
Trabalho, Arte e Identidade
- 21** **RAIMUNDA ALEXANDRIA DAS VIRGENS**
Pelo ensino do artesanato nas escolas
- 23** **MARIA DA CONCEIÇÃO NOGUEIRA BONFIM**
Tradição e Resiliência na Arte da Renda de Bilro
- 25** **ANA FIUZA CAIRES**
O acabamento que se confunde com uma pintura
- 27** **MARIA ROZA ARAÚJO**
Autodidata e a inspiração que vem do cotidiano



O QUE SÃO OS CADERNOS TEMÁTICOS DO ARTESANATO BAIANO?

Os Cadernos Temáticos integram uma estratégia de disseminação de informações sobre o artesanato baiano e de visibilidade ao trabalho desenvolvido por artesãs/ãos e grupos produtivos. A proposta de criação de uma série editorial que aborde temáticas específicas do artesanato baiano é parte do contrato de gestão 024/2019, celebrado entre a Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia e a Associação Fábrica Cultural. Esta é a primeira das três edições previstas para os cadernos Temáticos, com foco nos mestres e mestras artesãs do Estado, contemplando inicialmente 12 mestres.

Os mestres do artesanato são pessoas com vasta experiência e domínio de saberes e práticas tradicionais, reconhecidos por suas comunidades pelo papel que desempenham na preservação das expressões culturais populares. É atribuída a condição de mestre àquele(a) que tem os conhecimentos e as técnicas necessárias para a produção, preservação e repasse das artes e ofícios enraizados no cotidiano, sendo reconhecido no local onde vivem e por outros setores culturais.

O registro do trabalho desenvolvido por mestras artesãs visa fortalecer essa política pública, haja vista as ações de reconhecimento das mestras/mestres realizadas pela própria CFA/SETRE em 2019 que reforçaram, junto à sociedade, a importância destes artesãos e artesãs que contribuem para a excelência do artesanato baiano.

Boa Leitura!

“O bordado tem um papel cultural muito forte. Ele está relacionado ao nosso patrimônio, à religiosidade, especialmente à Irmandade da Boa Morte.”



MARCUS COUTO

BORDANDO O TEMPO: ANCESTRALIDADE E TRADIÇÃO

A maestria artesanal de Marcus Couto percorreu um caminho de aprendizado que teve início em um curso de tecelagem e que, ao longo do tempo, o conduziu ao bordado. A experiência relatada por ele contempla uma jornada pessoal que mistura o aprendizado formal com a vivência junto às artesãs do seu território. “O aprendizado no bordado não veio de minha família diretamente. Minha avó, que também bordava, parou quando eu ainda era muito pequeno, e não tive a oportunidade de aprender com ela. No entanto, minha tia tinha algumas peças bordadas que minha avó e minha mãe haviam feito, o que me deu uma base para começar a entender o trabalho. Foi a partir disso que fui buscar o curso formal, o que me ajudou a desenvolver as habilidades que tenho hoje.” Marcus é uma presença masculina na produção do bordado Richilleu, sua relação com a atividade se fortaleceu, e atualmente ele se dedica não apenas à produção de peças como torços, mantos e vestes litúrgicas mas também à passagem destes saberes às novas gerações.

A Irmandade da Boa Morte tem uma relação muito íntima com o bordado, especialmente em relação às peças que são usadas nas celebrações e festas religiosas. O bordado não se resume à sua dimensão técnica, mas se apresenta como uma prática artesanal que carrega uma carga simbólica muito forte, ligada à história religiosa e à preservação da memória afrobrasileira. As senhoras de mais idade que integram a Irmandade ensinaram aos mais jovens a bordar, evidenciando um processo que, para além das competências ligadas à manualidade, exercita um fazer comprometido com a tradição e com uma ancestralidade viva.

O bordado é tratado por Marcus como uma forma de perpetuar o sagrado. Quando se está bordando uma peça, como um manto ou uma toalha de altar, está-se fazendo parte de uma tradição que conecta as gerações passadas com as gerações futuras. “Eu sou muito grato por ter aprendido com as senhoras da Boa Morte, pois, além de me ensinarem o ofício, elas também me transmitiram os valores da comunidade, a importância de manter a fé e a cultura vivas”.

A atividade do bordado exige tempo. Marcus cita que pode levar de uma a duas semanas para finalizar uma peça mais complexa. De certa forma, o bordado pode ser entendido como uma resposta às urgências e a instantaneidade do mundo atual, “bordar é uma terapia”, disse ele. E cada ponto dado no bordado é um elo com o passado e um compromisso com o futuro.



Mestre Marcus Couto
Bordado Richilleu

Município
Cachoeira

Território
Recôncavo

Rota do Artesanato
Rota Dona Cadu

MANOEL MESSIAS CORREIA SANTOS

A CONSISTÊNCIA DA CULTURA

Manoel Messias Correia Santos iniciou seu contato com o artesanato já na vida adulta, mas sua apreciação pelas manifestações culturais começou na infância, influenciado pelas vivências na antiga Feira da Água de Meninos, em Salvador. Filho de comerciante, Messias via a chegada das cerâmicas de Maragogipinho, transportadas pelos saveiros que atracavam no ancoradouro da feira. Esse cenário foi o ponto de partida para sua conexão visual com o barro e as expressões culturais baianas.

A imersão de Messias no mundo das artes tomou forma nos anos 1970, quando ingressou na Escola de Belas Artes da UFBA. Após tentativas em Engenharia e Arquitetura, encontrou sua verdadeira vocação na arte.

Na Escola, aprendeu modelagem e técnicas cerâmicas, desenvolvendo sua sensibilidade artística. Inspirado pela obra de Debret e pelas culturas afro-brasileiras, suas primeiras exposições dialogaram com a riqueza estética da Bahia, incluindo máscaras e figuras que retratavam o cotidiano e a ancestralidade negra.

Ao longo de sua trajetória, Messias transitou por diferentes linguagens artísticas. Durante os anos 1980, sua produção incluiu máscaras e cerâmicas utilitárias, inspiradas no cotidiano. Em São Paulo, nos anos 1990, o contato com a cerâmica japonesa ampliou sua perspectiva criativa. Mais recentemente, ele integrou elementos da cultura indiana em suas obras, fruto de sua vivência com práticas como o yoga.

Messias equilibra sua produção artística com a docência, um papel que desempenha há décadas. Como professor, formou muitos aprendizes, tanto na Bahia quanto em São Paulo, e trabalhou em projetos como as Oficinas de Arte do MAM-BA. Apesar da comercialização de suas peças ser desafiadora, Messias mantém um equilíbrio entre peças utilitárias, vendidas localmente, e obras autorais mais valorizadas, geralmente adquiridas por colecionadores de fora do estado.

Suas obras refletem um profundo respeito pelo tempo necessário à criação, característica que ele considera uma forma de resistência à correria da contemporaneidade. "A criação vem de uma origem muito mais profunda", reflete Manoel, destacando a introspecção e a liberdade artística como elementos essenciais do processo criativo.



Mestre Manoel Messias
Cerâmica

Município
Camaçari

Território
Metropolitano de Salvador

Rota do Artesanato
Rota Metropolitana



*“A consistência da cultura
você produz em série. A
consistência do fazer e
de você difundir uma
questão cultural se dá
quando você trabalha
peças em que cada arte-
são cria diferentemente
uma da outra. Quando
isso ocorre, você cria uma
linguagem, e a partir da
linguagem, nascem os
trabalhos criativos.”*

"A arte é uma necessidade. E o artista está aqui para servir à sociedade também. Eu faço todo o tipo de trabalho que represente o domínio de uma matéria prima que é a argila"



REGINALDO XAVIER DA SILVA

CONTEMPLAR O BELO, DOMINAR A TÉCNICA

Reginaldo Xavier compartilha uma história rica e entrelaçada com a arte da cerâmica, que se iniciou ainda em Nazaré, na Bahia, quando restaurava imagens sacras para sua família. Sua trajetória artística tomou forma durante a faculdade de Pedagogia nos anos 1980, momento em que experimentou modelar figuras do cotidiano baiano com barro. Ele foi incentivado por colegas e professores, e encontrou no curso de cerâmica do Solar do Unhão, ministrado pelo mestre Manoel Messias, a oportunidade de aperfeiçoar sua técnica.

Seu primeiro trabalho marcante foi uma escultura representando uma mulher negra com penteado afro. Essa peça não só chamou atenção de professores renomados, mas também despertou interesse de potenciais compradores. Reginaldo consolidou seu estilo ao criar peças que exaltam a cultura afro-baiana, especialmente suas icônicas negras e sereias, que alcançaram sucesso internacional. As negras tornaram-se um símbolo de sua carreira, sendo exportadas para lugares como Nova York e Paris. Sua obra é caracterizada pela singularidade e pelo domínio da argila, que se diferenciam de produções convencionais pela sua técnica apurada e sensibilidade de sua leitura do mundo, suas produções refletem a riqueza cultural baiana. O artesão descreve o seu processo criativo como detentor de um equilíbrio entre a complexidade técnica e a simplicidade poética.

Ao longo de todos estes anos dedicados ao artesanato, Mestre Reginaldo menciona uma obra particularmente desafiadora, uma escultura de um metro de altura em cerâmica, cuja execução era complexa pelo tamanho, por se tratar de uma peça maior que 80 cm. A peça foi queimada em dois pedaços, exigindo grande habilidade técnica. Mesmo em peças mais complexas, o artesão ressalta que a obra carrega uma linguagem simples que dialoga com o público, criando um efeito contemplativo e de beleza inerentes à arte.

Reginaldo compartilha uma história sobre como sua arte tocou a vida de pessoas. Em um dado momento, em uma reportagem veiculada em um canal de televisão dos Estados Unidos, uma pessoa afirmou que, em caso de incêndio, salvaria uma das esculturas que possuía, que neste caso, era a sereia produzida por Reginaldo. "Disse que saiu lá nos Estados Unidos que uma pessoa disse que uma das peças que ela pegaria /salvaria seria a minha sereia."



Mestre Reginaldo Xavier
Cerâmica
Município
Igatu
Território
Chapada Diamantina
Rota do Artesanato
Rota das Sempre Vivas

BARBARA NUNES DE SANTANA

AFETOS E TERRITORIALIDADE

Criada em uma família de artesãos em Bom Jesus dos Pobres, as vivências de Bárbara se entrelaçam com as suas tradições familiares: enquanto seu pai confeccionava e conservava velas de saveiros, Bárbara e seus irmãos adormeciam ao som das mãos habilidosas dele e de sua mãe:

"Venho de um contexto familiar de artesanato, meu pai fazia velas para os barcos (velas de Saveiro). Ele era de Bom Jesus dos Pobres, e devido ao calor intenso do verão, ele costurava muito à noite. Minha mãe ajudava a fazer as rodinhas de piaçava que iam em cima das velas de Saveiro, e enquanto isso, nós dormíamos ao redor da vela, que era imensa"

Ao chegar em Cachoeira, a artesã, junto com outras mulheres, fundaram a Associação Artesanal Chitarte de Cachoeira. Com o tempo, o grupo cresceu e passou a desenvolver projetos voltados para jovens, mulheres e crianças. Entre as iniciativas, destaca-se a confecção de brinquedos artesanais, que são distribuídos em comunidades rurais e quilombolas da região. Atualmente, o grupo mantém uma loja física em Cachoeira e participa de feiras para divulgar e comercializar suas produções. O trabalho desenvolvido pelo grupo Chitarte em Cachoeira valoriza a tradição da chita bordada, tecido introduzido no período colonial. O grupo conquistou reconhecimento como patrimônio cultural da cidade e tem forte aceitação da comunidade.

O reconhecimento como "mestra" chegou de forma natural, incentivado por pessoas de seu grupo e da comunidade. Para ela, o título é uma valorização do trabalho e do conhecimento que compartilha. Ser "mestra", segundo a artesã, está mais relacionado ao ato de transmitir e perpetuar o saber do que ao título em si. Ela acredita que seu maior legado é compartilhar um conhecimento que possui, que vai além das peças que produz.

Após o nascimento de sua filha e a perda do seu pai, Bárbara criou um mapa do Recôncavo bordado com pontos usados em velas de saveiro, unindo memória, território e identidade. Esse trabalho, que a acompanha como símbolo de sua luta pelo reconhecimento do artesanato no Recôncavo, é também uma expressão dos afetos proporcionados pelo artesanato.



Mestra Bárbara Santana
Crochê

Município
Cachoeira

Território
Recôncavo

Rota do Artesanato
Rota Dona Cadu



“Acredito que a vida de todos os mestres começa na infância. Minha mãe foi quem me ensinou os primeiros pontos de bordado. O bordado é algo que me encanta e me emociona. O que mais me emociona é que, quando estou ensinando, também estou passando um pouco da minha mãe.”

“Você tem que usar aquilo que é daqui, e na moda circular, a gente aproveita tudo.”



CÉLIA REGINA AMORIM DA SILVA

TRAMAS DA VIDA: SP, BA E O ARTESANATO



Mestra Célia
Tecelagem

Município
Porto Seguro

Território
Costa do Descobrimento

Rota do Artesanato
Rota Pataxó

Paulistana de nascimento e baiana de coração, Célia Amorim mudou-se para Porto Seguro há 25 anos. Filha de pais baianos, foi em São Paulo que iniciou sua trajetória profissional na área de publicidade. No entanto, aos 40 anos, decidiu transformar seu hobby da tecelagem em sua profissão e principal atividade.

Célia começou sua jornada na tecelagem de forma curiosa: recebeu de um namorado um tear desmontado e, ao visitarem a família dele em Florianópolis, conheceu a prática mais de perto em um ateliê especializado. Lá, ouviu de sua cunhada uma frase que de fato se consolidaria mais tarde: “Você vai ser uma tecelã”. Inspirada, trouxe o conhecimento adquirido para Porto Seguro onde começou a ensinar a tecelagem, primeiro para mulheres da cidade e, posteriormente, interagindo com indígenas, em uma rica troca de conhecimentos que se reflete em suas peças.

Ao longo de sua trajetória, Célia se tornou uma liderança no artesanato de sua região, com o apoio de instituições como o Sebrae e Instituto Mauá (autarquia que foi responsável pela gestão do artesanato baiano até o ano de 2015). Apesar de não fazer parte de uma associação formal, integra o grupo Artesãos da Costa do Descobrimento, formado por artesãs, que destacam a importância do uso de materiais naturais, como algodão e lã em suas peças. Célia opta por trabalhar com moda, criando peças exclusivas, como kaftans e kimonos, que se tornaram um sucesso.

“Eu quero fazer aquilo que vai fazer a pessoa se sentir bem, se sentir feliz e se sentir confortável”

Reconhecida como mestra no artesanato, Célia vê esse título como a extensão de sua prática educativa, algo que realiza com paixão há mais de 20 anos. Para ela, ensinar é compartilhar saberes, preservando e renovando as técnicas tradicionais. Hoje, Célia encontra na transmissão de seu conhecimento e na criação de peças únicas a essência de sua arte, equilibrando tradição e inovação.

LUZIA TORRES DE MATOS

BONECAS COMO EXPRESSÃO DA MEMÓRIA

Nascida em Carolina, no Maranhão, Luzia Torres carrega em sua trajetória uma ligação profunda com a tradição artesanal e a resiliência comunitária. Desde cedo, a educação artística desempenhou um papel central em sua formação, com aprendizados em costura, bordado e confecção de bonecas. Inspirada pelas memórias de sua avó quilombola e pelas vivências em sua cidade natal, Luzia começou a criar bonecas que representam a ancestralidade negra e a vida dos catadores de algodão da região de Guanambi, onde atualmente reside.

Após se mudar do Maranhão para a Bahia, Luzia continuou a expandir suas atividades artesanais, participando da fundação de uma associação comunitária e clube de mães, que se tornaram espaços de aprendizado e apoio para as mulheres locais. Luzia ensina técnicas de artesanato a jovens e adultos, promovendo tanto o desenvolvimento de habilidades quanto o resgate da identidade cultural.

As suas criações, tanto os "Catadores de Algodão" e a "Boneca Negra", simbolizam histórias de resistência, ancestralidade e pertencimento.

"A boneca Negra foi assim, que muito me inspirou porque eu já venho com ela de longe, lá no Maranhão, minha avó já era de Quilombo então vem de lá a minha boneca Negra, que é a primeira boneca. Quase não dava para pegar nela direito mais, mas eu tenho muito cuidado com ela. Ela hoje já tá cansada. Eu botei ela dentro de uma rede, uma redinha que minha irmã trouxe para mim lá do Ceará."

Os bonecos que retratam os catadores de algodão de Guanambi possuem um significado especial para o território. Eles carregam um valor histórico e cultural, representam a prática dos catadores, a simplicidade do algodão e o seu cultivo local.



Mestra Luzia
Costura (Bonecas)

Município
Guanambi

Território
Sertão Produtivo

Rota do Artesanato
Rota dos Trançados

*“Minha avó era de Quilombo,
eu comecei a fazer bonecas
cedo, a boneca negra foi a
minha primeira boneca.”*





“Eu sempre estou disposto a passar o meu conhecimento, porque eu não quero só para mim, eu quero deixar um legado. É isso que eu espero, né?”

JOSÉ DOS SANTOS BRAGA

O LICURI ENTRELAÇADO DE ZÉ DE RITA



Mestre Zé de Rita
Trançado

Município
Santa Brígida

Território
Semiárido Nordeste II

Rota do Artesanato
Rota Kiriri

José dos Santos Braga, conhecido como Zé de Rita, é um artesão de Santa Brígida que encontrou na fibra de Licuri a matéria-prima para tecer sua história e seu sustento. As peças que produz incluem porta-joias, mandalas, cestas, fruteiras e uma grande variedade de peças decorativas e utilitárias. A produção artesanal, antes um hobby, tornou-se sua principal fonte de renda.

José ministra oficinas em municípios vizinhos como Jeremoabo e Euclides da Cunha, disseminando a arte do trançado entre jovens e idosos. Ele também atua como membro da Associação de Artesãos de Santa Brígida, um coletivo formado por aproximadamente 35 artesãos que exploram diferentes técnicas, como o trançado e a escultura em madeira.

Criar uma peça, como um porta-joias, é um processo que exige tempo e dedicação, que envolve a coleta da palha do Licuri, a extração da fibra e, por fim, o trançado. A confecção de um porta-joias de tamanho médio, por exemplo, pode levar de 4 a 5 horas. José se orgulha de suas criações, especialmente da Mandala, do porta-joias 3 em 1 e do porta-joias coração, peças cujo design e conceito forma idealizados por ele.

Um dos momentos mais marcantes de sua trajetória foi a venda de um berço feito com a técnica do trançado para uma cliente italiana. A peça, concebida em parceria com sua irmã, foi encomendada pela cliente durante a gravidez e buscada pessoalmente na comunidade de José, demonstrando o alcance e a importância do artesanato local.

Para o futuro, José deposita suas expectativas na juventude, acreditando no potencial do artesanato para gerar renda e oferecer oportunidades. Ele deseja deixar um legado, inspirando e capacitando as novas gerações a darem continuidade à tradição, especialmente com o crescente interesse de comunidades vizinhas pela técnica do trançado com fibra de Licuri.

MARIA DO CARMO AMORIM

TRABALHO, ARTE E IDENTIDADE

Maria do Carmo começou a fazer renda aos sete anos, atraída pelo som ritmado das almofadas e bilros que sua mãe e vizinhas manipulavam. *"Eu achava lindo aquele batedor"*, ela relembra, mencionando como a beleza e o encanto do trabalho artesanal a cativaram desde cedo.

Crescida em Saubara, uma cidade com forte tradição de artesanato, Maria escolheu a renda como sua expressão artística, enquanto outras mulheres se dedicavam à mariscagem e ao artesanato com palha.

Após o falecimento de seu pai, ela passou a produzir e vender renda para ajudar no sustento da família. Apesar das dificuldades, foi nesse período que seu amor pela arte se consolidou. *"Quando estou fazendo renda, esqueço da vida. É como se eu me transportasse para outro mundo"*, descreve.

Com o tempo, Maria desenvolveu seu estilo próprio, criando desenhos e pontos que mesclam inspiração nos antepassados e inovações suas. Uma de suas peças mais marcantes foi o vestido de Maria Santa, cujas aplicações idealizou. *"Quando vejo alguém usando uma roupa de renda que fiz, parece que sou eu que estou usando. A felicidade é tão grande que não consigo explicar."*

Para Maria, o artesanato é mais do que um ofício: é uma resposta ao ritmo acelerado da vida contemporânea. Cada peça feita à mão carrega o tempo, o cuidado e a história de quem a produziu. Sua relação com o território é profunda: *"Estamos levando Saubara ao mundo. Quando eu chegar lá no céu, vou querer olhar para Saubara e ver que nosso trabalho continua vivo."*



Mestra Maria do Carmo
Renda de Bilro

Município
Saubara

Território
Recôncavo

Rota do Artesanato
Rota Dona Cadu

*"Nosso trabalho
é mais que arte,
é identidade"*



*“Eu vou ensinando
e aprendendo
também”*



RAIMUNDA ALEXANDRIA DAS VIRGENS

PELO ENSINO DO ARTESANATO NAS ESCOLAS

Desde os 8 anos de idade, Raimunda Alexandria se dedica ao artesanato com palha de licuri, um saber que aprendeu com sua mãe e que é passado de geração em geração. Hoje, com 59 anos e integrando a Associação de Artesãos em Saubara, ela se tornou uma referência local. Mestreza certificada, Raimunda ensina sua arte a jovens e crianças, em oficinas realizadas duas vezes por semana. O objetivo é garantir que essa tradição cultural não se perca com o tempo.

Além de utilizar a palha de licuri como principal matéria-prima, Raimunda também complementa suas criações com palha de coqueiro seco, desenvolvendo peças únicas e detalhadas. Ela destaca que o trabalho artesanal sempre foi uma fonte de renda complementar em sua família, que também atuava na pesca e mariscação.

Raimunda vê no título de mestra uma oportunidade de ampliar os horizontes de seu artesanato, levando suas técnicas para outras localidades e aprendendo com outros artesãos. Para ela, ensinar é uma troca: "Eu vou ensinando e aprendendo também". Contudo, ela identifica desafios como a divulgação e apoio à comercialização das peças, algo que considera essencial para fortalecer a atividade artesanal em sua região.

Entre suas memórias mais gratificantes, Raimunda cita a realização de oficinas em escolas, onde percebe o entusiasmo das crianças ao aprenderem sobre o artesanato. Esse contato reforça sua crença de que há um crescente interesse entre os jovens, algo que a motiva a continuar sua missão de preservar e valorizar a atividade que desenvolve.



Mestra Raimunda
Trançado

Município
Saubara

Território
Recôncavo

Rota do Artesanato
Rota Dona Cadu

MARIA DA CONCEIÇÃO NOGUEIRA BONFIM

TRADIÇÃO E RESILIÊNCIA NA ARTE DA RENDA DE BILRO

Maria Conceição, artesã da Ilha de Maré, iniciou sua trajetória na arte da renda de bilro aos 10 anos, ensinada por sua tia. Encantada pela beleza e complexidade dessa tradição artesanal, Conceição se dedicou com paixão à prática, tornando-se uma referência local. *"A primeira peça que fiz foi uma trança grande, cinco metros de bico. Foi muito importante pra mim,"* relembra, com orgulho.

Ao longo de sua vida, tem compartilhado seu conhecimento com crianças e jovens, tanto informalmente quanto em projetos escolares. Para ela, perpetuar a tradição é vital para evitar que se perca um legado histórico, um legado associado aos quilombos e aos escravizados que introduziram a técnica na região. *"É uma arte feita à mão, linda, que não podemos deixar morrer,"* ressalta. Conceição cita como um dos momentos marcantes uma viagem feita aos Estados Unidos, onde expôs e representou sua cultura por meio da renda de bilro.

Hoje, Conceição tem a prática do artesanato como sua principal atividade econômica. Suas peças, que incluem toalhas de mesa, blusas e panos de bandeja, variam em complexidade e tempo de produção, algumas demandam semanas para serem concluídas.

A artesã associa a alegria da atividade de mariscagem em grupo com a alegria em produzir em interação com outras mulheres da comunidade: *"a gente senta lá no passeio da casa da casa, para dar risada, fazer uma merenda, faz pipoca, e vai fazendo renda na frente da casa, é muito bom".*

A renda de bilro na Ilha de Maré é uma expressão cultural profundamente enraizada, vinculada às origens quilombola e à resistência cultural.



Mestra Conça
Renda de Bilro

Município
Salvador (Ilha de Maré)

Território
Metropolitano

Rota do Artesanato
Rota Metropolitana

"Eu me sinto feliz, me sinto admirada de ver que isso foi feito aqui mesmo, com as minhas mãos. Fico feliz de ver que o trabalho veio das minhas mãos, é muito importante para mim."





"Lá do meu quintal. É assim que começa a minha produção. Plantar, colher, fiar, tecer e bordar. Eu e um grupo de mulheres, cada uma fazendo a sua parte e nesse ciclo permanecemos unidas."

ANA FIÚZA CAIRES

O ACABAMENTO QUE SE CONFUNDE COM UMA PINTURA



Mestra Ana Fiúza
Bordado

Município
Guanambi

Território
Sertão Produtivo

Rota do Artesanato
Rota dos Trançados

Ana Fiúza começou sua vida na zona rural, trabalhando na lavoura ao lado da família desde muito cedo, plantando feijão, algodão, milho e arroz. O Encontro com o bordado veio inesperadamente ao visitar uma vizinha. Ao observar uma toalha bordada em ponto cruz, Ana decidiu aprender sozinha. Comprou os materiais e iniciou o seu processo aprendizagem e produção, mesmo sem experiência prévia. Seu talento floresceu rapidamente, e o bordado tornou-se não apenas uma paixão, mas um importante meio de sustento.

O bordado de Ana logo chamou atenção não apenas pela beleza, mas também pela qualidade do acabamento. Ana sempre teve o desejo de ensinar e ao longo dos anos, transmitiu os seus saberes para irmãs, sobrinhas, filhas, netas e até outras artesãs em diversas cidades, como Palmas de Monte Alto e Condeúba. Hoje ela integra o grupo Mulheres do Algodão de Guanambi.

Apesar de o plantio ser individual, a produção do fio e o bordado são feitos de forma colaborativa. Ana é responsável por receber as encomendas, separar o material, cortar o tecido, preparar as peças e também distribuir o trabalho para as outras artesãs. O grupo se reúne mensalmente para discutir o andamento dos trabalhos e as demandas do mercado.

Dentre as peças que mais a encantam estão uma toalha com bordado de beija-flor, a qual é relata pela artesã que frequentemente esta peça é confundida com uma pintura, devido ao acabamento ser impecável. Ana relembra com carinho sua primeira participação em um evento em Salvador, na Feira do Jardim dos Namorados, que foi um momento que marcou sua trajetória como artesã. Ela cita a história de um senhor que comprou todas as suas peças durante quatro anos e meio, possibilitando que ela pagasse a faculdade do filho.

A produção de algodão no município de Guanambi é fundamental para o desenvolvimento do artesanato local, fornecendo a matéria-prima para a confecção das peças.

MARIA ROZA ARAÚJO

AUTODIDATA: INSPIRAÇÃO QUE VEM DO COTIDIANO

Maria Roza Araújo nunca fez um curso formal em artesanato, sendo uma autodidata que atribui o início de sua trajetória artística a uma inspiração divina. Evangélica, ela relata que recebeu uma revelação sobre "uma obra de suas mãos," o que,

anos depois, culminou na descoberta de seu talento para artesanato. Roza começou criando peças simples, como arranjos de folhas e objetos decorativos feitos com pedras de rio. Com o tempo, ela aperfeiçoou suas habilidades, especialmente no trabalho com palha, passando a confeccionar itens

como bolsas, jogos americanos, porta-joias e descansos de panela.

A Associação Mulher de Fibra, da qual ela é fundadora, surgiu como um espaço colaborativo para artesãs da região. Atualmente, conta com a participação de dezenove mulheres. Cada uma trabalha de forma independente em suas casas, devido à necessidade de conciliar a produção artesanal com outras atividades, tais como o cultivo agrícola.

Maria Roza destacou seu papel como educadora, já tendo oferecido cursos de artesanato em sua comunidade e em localidades próximas, muitas vezes em contextos de grande vulnerabilidade social. Ela menciona com orgulho o impacto positivo que seu ensino teve na vida das alunas, que passaram

a produzir e comercializar suas próprias peças. Um dos marcos de sua trajetória foi o reconhecimento de suas obras em eventos regionais e premiações.

Maria Roza enfatiza que a inspiração para suas peças vem de sua mente criativa e da fé que guia sua prática. Apesar das limitações, como a dificuldade de acesso à matéria-prima em alguns momentos, ela continua dedicada à produção e à transmissão de suas técnicas, fortalecendo a identidade cultural e econômica de sua comunidade.



Mestra Roza
Trançado

Município
Ituaçu

Território
Sertão Produtivo

Rota do Artesanato
Rota dos Trançados



“O meu conselho para as novas gerações é que aprendam e guardem para sempre. Ninguém toma aquilo que Deus nos deu.”



artesanato da **BAHIA**

Realização:



**Fábrica
Cultural**

GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DO TRABALHO,
EMPREGO, RENDA E ESPORTE

GOVERNO
PRESENTE
**TRABALHA
PRA GENTE**